

A CRÍTICA DE AXEL HONNETH À QUESTÃO DO SUJEITO NO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT

TULIPA MARTINS MEIRELES¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹ Universidade Federal de Pelotas – tulipameireles@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O referente trabalho pretende apresentar alguns dos principais conceitos que se encontram no pensamento de Michel Foucault na década de 1980 – como o de governamentalidade, anarqueologia e estética da existência. Esses conceitos inserem o sujeito em uma perspectiva social em que ele mesmo é capaz de modificar o seu estado de assujeitamento através de um ato de desobediência e resistência social. A perspectiva dos últimos escritos de Foucault, como o texto *O que é a crítica: crítica e Aufklärung* (1978); *Do governos dos vivos* (1980), *A hermenêutica do sujeito* (1982), inseriram o sujeito em uma posição central de capacidade em alterar o estado de assujeitamento no qual se encontrava submerso nas obras da década de 1960 e 1970. Entretanto, essa perspectiva ética no pensamento de Michel Foucault foi desconsiderada por autores como Axel Honneth, que defendeu a teoria foucaultiana como insuficiente para dar conta do sujeito na sociedade. E afirmou a impossibilidade em que o sujeito, nas obras do filósofo francês, encontra-se em resistir ao poder. Assim como, denuncia a ausência de uma Desobediência Civil, enquanto alternativa para a questão repressora da sociedade de poder.

Assim, em um primeiro momento pretendemos apresentar os argumentos centrais da teoria de Axel Honneth em favor de um funcionalismo histórico na teoria do poder de Michel Foucault, na qual a teoria foucaultiana está enclausurada em um sistema em que o indivíduo não é mais do que uma peça assujeitada por forças exteriores que oprimem sua conduta e seu modo de viver. Em um segundo momento pretendemos apresentar alguns conceitos foucaultianos encontrados nos escritos tardios, em que podemos identificar um sujeito subjetivado pelas práticas de si e individualizado – capaz de negar o poder e as forças que o oprimem. Demonstrando assim, que Axel Honneth em sua *Crítica ao Poder* (1993)¹ negligenciou o deslocamento no pensamento de Foucault que levou a analítica do poder à ética do sujeito.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, valeu-se fundamentalmente da análise bibliográfica das principais obras que norteiam a referida pesquisa – dos pensadores Axel Honneth e Michel Foucault. Dessa forma, foi realizada uma análise minuciosa da obra *Crítica do poder. Estágios de reflexão de uma teoria social crítica* (1993) do filósofo alemão Honneth, em que foi atribuída

¹*Crítica do poder. Estágios de reflexão de uma teoria social crítica* (1993).

maior importância aos capítulos quarto, quinto e sexto – nos quais o autor ocupa-se em fazer uma crítica ao pensamento de Michel Foucault. Da mesma forma, foi feita uma análise minuciosa das obras foucaultianas que concernem ao período tardio do pensamento de Foucault, como os cursos *Do governo dos vivos* (1980) e *A hermenêutica do sujeito* (1982).

3. DISCUSSÃO

Axel Honneth² defende em sua *Crítica do poder* (1993) que a teoria do poder foucaultiana se aproxima de um *funcionalismo* histórico, no qual Foucault compreenderia as ideias e valores do ponto de vista de uma função objetiva desempenhada no interior de um processo sistêmico, dirigido para obtenção exacerbada de poder. Na visão de Honneth, a teoria do poder foucaultiana está inserida em um sistema fechado, em que o sujeito encontra-se impossibilitado de agir. Segundo Honneth, a teoria foucaultiana é concebida enquanto um *deficit* sociológico³, isto quer dizer, que segundo Foucault a sociedade é um sistema em que há de um lado as estruturas econômicas e seus imperativos e de outro o processo de socialização do indivíduo – sem que haja interação entre os lados e sem levar em consideração a ação social ou a experiência dos indivíduos. Nessa perspectiva, as análises foucaultianas sobre a sociedade são, segundo Honneth, uma esfera sistemática na qual o indivíduo não tem possibilidade de operar sobre si mesmo, constituindo-se assim, enquanto um indivíduo assujeitado pelas amarras do poder e sem a capacidade para negar esse poder que o determina.

O deficit sociológico resulta, segundo Honneth, no empreendimento de uma análise a nível funcionalista, ou seja, as dimensões da cultura e da socialização possui por finalidade unicamente a imposição do imperativo capitalista de “valorização do valor”. A análise funcionalista aponta para três procedimentos fundamentais: a) o reducionismo do processo histórico; b) a centralidade do paradigma da dominação da natureza que compreende apenas uma modalidade de ação social e c) a insuficiência em considerar as realizações progressistas devido a uma crítica radical à razão. A crítica de Honneth compreende o pensamento foucaultiano enquanto uma dissolução “teórico-sistêmica”, segundo a qual, a teoria do poder de Foucault possuiria fundamentalmente: a) um tipo de funcionalismo orientado historicamente; b) a relação entre poder e coerção vista a partir de uma espécie de behaviorismo e c) a desvalorização da ordem jurídica face ao processo de intensificação sistêmica do poder.

Na perspectiva de Honneth, a constituição do sujeito foucaultiano é dado mediante a coação de um disciplinamento corporal gradualmente intensivo, de forma que o indivíduo é concebido enquanto assujeitado pelas práticas de dominação do poder, decorrente das instituições disciplinares. Assim, o processo de subjetivação é o resultado de um condicionamento constante no qual o indivíduo estaria incapacitado de transgredir para conduzir a si mesmo. Isso ocorre na medida em que a formação das técnicas de dominação, na teoria de poder foucaultiano, apresentam-se como um processo circular entre o incremento do conhecimento e a

² Axel Honneth é um filósofo alemão que compõe a chamada terceira geração da Escola de Frankfurt.

³ Segundo Honneth o mesmo deficit encontra-se nos autores da primeira geração da Escola de Frankfurt – Theodor Adorno e Max Horkheimer. Segundo Honneth, Foucault enfrenta as mesmas dificuldades que Adorno e Horkheimer àquilo que o autor compreende como dissolução “teórico-sistêmica”.

expansão do poder.

Foucault impulsiona manifestamente sua investigação histórica no marco da teoria dos sistemas, que concebe a forma de organização social como um complexo de estratégias respectivas do poder sob as quais os problemas considerados em términos invariantes como é o caso do crescimento demográfico e da reprodução econômica poderiam chegar a dominar-se efetivamente. (HONNETH, 2009. p. 291)

Segundo a teoria dos sistemas os processos sociais são compreendidos enquanto processos sistêmicos para a ampliação do poder e as formas de comportamento humano, são tão somente o material que deve ser formado pelas estratégias operativas do poder. Para Honneth, se Foucault tivesse a intenção de inserir o indivíduo enquanto sujeito de ação, considerado um ator social de necessidades e convicções, ele deveria considerar as formas de dominação social como um produto de conflitos social e não enquanto um resultado dos processos sistêmicos de adaptação.

Entretanto, o que podemos observar nas obras tardias de Michel Foucault é justamente um movimento inverso – o que é considerado enquanto sujeito não pode estar dissociado de um movimento contrário à repressão e submissão ao poder que assujeita e determina os limites do indivíduo. Foucault propõe para uma nova analítica das relações de poder tomar como ponto de partida a resistência ao poder. E dessa forma vemos delinear-se em sua filosofia uma proposta de Desobediência Civil, diferentemente daquilo que foi posto por Axel Honneth.

O empreendimento *anarqueológico* aparece no curso *Do governo dos vivos* (1980) e é descrito pelo autor enquanto uma postura metodológica e uma atitude filosófica de transgressão frente ao poder da verdade. É com ela que Foucault propõe um novo deslocamento que leva a noção de “poder-saber” para a noção do “governo dos homens pela manifestação da verdade sob a forma da subjetividade” (FOUCAULT, 2010, p. 58). E desloca o conceito de “poder” pelo conceito de “governamentalidade”, propondo assim, o deslocamento da questão essencialista “O que é o poder?” pela questão operatória “Como o poder se exerce?”. Através desse novo deslocamento o foco de suas análises volta-se, propriamente, para a questão do sujeito que pensa a si mesmo. Segundo ele “a reflexão sobre a noção de governamentalidade não pode deixar de passar, teórica e praticamente, pelo elemento de um sujeito que se definiria pela relação de si consigo” (FOUCAULT, 2002, p. 247)

O procedimento proposto por Foucault enfatiza propriamente um tipo de atitude que consiste em dizer que “nenhum poder existe por si só”. Nenhum poder é evidente, todo o poder repousa na contingência e na fragilidade da história. Foucault não propõe um projeto de sociedade sem relações de poder, mas, o contrário, quer colocar a não aceitabilidade do poder sob a forma do questionamento de todos os modos segundo os quais se aceita o poder. Não dizer que todo o poder é ruim, mas que, independente do tipo de poder que se exerce, ele não é plenamente aceitável ou absolutamente inevitável. Para Foucault não existe relações de poder sem o espaço para a prática da liberdade, não existe relações de poder sem a possibilidade de desvencilhar-se do poder coercitivo e dominante. A anarqueologia surge enquanto possibilidade de fazer essa prática da liberdade uma verdadeira estética da existência, através das transformações que o sujeito opera sobre si mesmo a fim de relacionar-se com a verdade e desvencilhar-se do poder.

o que esse gesto sistemático, voluntário, teórico e prático de colocar em questão o poder tem a dizer sobre o sujeito de conhecimento e sobre a ligação com a verdade na qual involuntariamente ele se encontra preso? Dito de outro modo, não se trata mais de dizer: considerando o vínculo que me liga voluntariamente a verdade, o que é que eu posso dizer do poder? Mas, considerando minha vontade, decisão e esforço de desfazer a ligação que me liga ao poder, o que é feito então do sujeito de conhecimento e da verdade?" (FOUCAULT, 2010. p.60)

A vida enquanto estética da existência está embricada ao acesso à verdade e para alcançar a verdade o sujeito necessita modificar a si mesmo, transformar o seu próprio modo de viver. A busca por essa transformação está na prática ascética⁴, que segundo a espiritualidade antiga é a prática sobre si mesmo, o exercício dirigido ao sujeito através de si mesmo – que é condição de acesso à verdade. E assim, a possibilidade em fazer da própria vida uma estética da existência.

Foucault elenca como hipótese de estilo de existência no mundo contemporâneo, a prática política enquanto revolução. Segundo Foucault, desde o século XIX a revolução social atuou enquanto um modo de vida que seria a manifestação violenta e escandalosa da verdade e com isso um tipo de militantismo que propunha o testemunho pela vida sob a forma de um estilo de existência. Esta forma de militância estaria em ruptura constante com as convenções, os hábitos e os valores da sociedade. Ela põe sob a forma visível e imediata de sua prática constante e de sua existência a possibilidade de uma outra vida que é a verdadeira vida. Foucault está aqui pensando no modo de vida cínico dos filósofos dos dois primeiros séculos de nossa era. E diz:

Se me interessei pela antiguidade foi porque, por toda uma série de razões, a ideia de uma moral como obediência a um código de regras está desaparecendo, já desapareceu. E a esta ausência de moral corresponde, deve corresponder uma busca que é aquela de uma estética da existência. (FOUCAULT, 2012. p 283)

Assim, Foucault está pensando seu próprio presente histórico e a possibilidade de ser pensando novas formas de vida através de um movimento de recusa a toda e qualquer forma de poder, que consiste inevitavelmente com uma forma de viver que rompe com as convenções e os hábitos sociais – ainda que para isso seja necessário a desobediência à regra e a lei civil. Esse movimento vai em direção a um modo de vida próprio ao sujeito que através da construção de uma prática de liberdade e uma estilística de vida constrói o seu modo de viver enquanto uma estética de existência.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que as análises de Honneth acerca da teoria do poder de Foucault

4 A ascética ou ascese filosófica foi um termo introduzido por Foucault para diferenciar a ascese cristã da ascese praticada pelos antigos do período helenístico e romano. Segundo Edgardo Castro em "Vocabulário Foucault", a ascética filosófica ou ascese "tratava-se do trabalho de constituição de si mesmo, da formação de uma relação consigo mesmo que fosse plena, acabada, completa, autossuficiente e capaz de produzir essa transfiguração do sujeito que é a felicidade de estar consigo mesmo" (CASTRO, 2009. p.45)

não ultrapassam os textos do período intitulada Genealógico, no qual Foucault está preocupado em realizar um diagnóstico da realidade através de um princípio objetivo que muitas vezes se refere ao sujeito enquanto aquele que está assujeitado pelo sistema, deixando de lado a subjetividade enquanto uma construção individual. Entretanto os escritos e conferências pronunciados por Michel Foucault no final dos anos setenta e início dos anos oitenta evidenciam estilísticas de vida e formas em que é possível resistir ao poder. Na conferência de 1982 *Sujeito e poder* o autor admite que a grande questão de sua pesquisa sempre foi o problema do sujeito, e só por consequência deste a questão tão emblemática no pensamento do autor, que é a problemática do poder. Honneth, parece ignorar tais escritos em prol de sua crítica à Foucault, que impõe como fundamental em sua teoria uma sociedade sistêmica na qual o indivíduo não é capaz de conduzir sua própria conduta, por estar enclausurado as relações de saber-poder e ao aumento sempre progressivo do poder.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DREYFUS, H. & RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. **Do Governo dos Vivos**. Curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). tradução/transcrição, notas e apresentação de Nildo Avelino. São Paulo/Rio de Janeiro, CCs/ Achiamé, 2010.
- FOUCAULT, M. **O que é o iluminismo**. In *Dits et Écrits*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento, v. 4, p. 679-688. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M.. **O que é a crítica: crítica e Aufklärung**. Disponível em <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/critique.html>>. Acesso em 05 de janeiro. De 2014.
- FOUCAULT, M.. **História da sexualidade V.2. O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade V. 3. O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.
- FOUCAULT, M. **A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011b.
- HONNETH, Axel. **Crítica del Poder: fases em La reflexión de una Teoría Crítica de La sociedad**. Madrid: Editora Machado Libros, 2009.